



Tema & Variações

BRUNO BORRALHINHO

Coluna mensal sobre o mundo da tal música que é *clássica* para uns e *erudita* para outros. Assuntos de abundante subjetividade e, por vezes, pouco isentos de polémica. Daqueles sobre os quais todos os músicos conversam e discutem, mas nunca chegam a conclusões cabais. Daqueles que permitem saciar a curiosidade do público entusiasta e, já agora, construir pontes e viadutos comunicacionais entre o palco e a plateia. E para que ninguém ouse levar os temas pouco a sério, as variações serão comentadas e discutidas em exclusivo com alguns dos melhores músicos do planeta.

Solista vs. músico de orquestra: uma questão de perfil ou uma falsa questão?

Com certeza que há quem seja exclusivamente solista ou músico de orquestra. Mas considerando o macroclima musical como um todo e a pluralidade de espécies que nele intervêm, é razoável afirmar que, tanto um caso como o outro, pertencem à categoria das exceções. Quantos solistas conhecemos que não tocam ou gravam, pelo menos de vez em quando, um trio ou um quarteto com outros colegas do Olimpo musical? Ou quantos músicos de orquestra não se aventuram, com mais ou menos frequência ou regularidade, por outros ramos da interpretação? E quantos artistas corporizam ambos *métiers* sem poderem ser considerados nem solistas nem músicos de orquestra? Por esta ordem de ideias, seria relativamente fácil admitir que são especialidades que se fundem e confundem.

Porém, a minha experiência também me diz que o meio musical institui, em inúmeros (demasiados!) casos e situações, uma distinção manifesta e até excessivamente rígida entre os perfis de solista e músico de orquestra, numa espécie de "ou sim ou sopas". Sentado num júri de concurso de admissão para orquestra ou mesmo num qualquer concerto

CONVIDADO ESPECIAL

Emmanuel Pahud



© Denis Felix

Com apenas 22 anos e depois de vencer vários concursos internacionais, tornou-se flauta-solista da Filarmónica de Berlim de Claudio Abbado, que abandonaria entre 2000 e 2002 para se dedicar inteiramente à carreira a solo e ao ensino. Regressou à orquestra já com Simon Rattle como maestro titular, mas prosseguiu em simultâneo uma fantástica carreira solística que inclui aparições à frente de grandes orquestras e, caso único entre flautistas, um contrato exclusivo com a discográfica EMI Classics. Em resumo, um dos melhores do mundo.

ou recital, oiço amiúde comentários como «toca como solista» ou «tem mais características de músico de orquestra». E, por outro lado, confesso que inúmeras (demasiadas!) vezes me deixo, eu próprio, cair na tentação de "catalogar" desse mesmo modo outros colegas de profissão, sem que na verdade seja capaz de definir com total clarividência os critérios de tal juízo. Legítimo, compreensível e até oportuno, dependendo do caso e da situação? Sem dúvida. Mas seria sensato tentar distinguir a linha que separa uma mera avaliação de um preconceito.

Longe vão os tempos em que estudar em Londres era mais para solistas e estudar em Colónia era mais para quem ambicionava ser músico de orquestra. A globalização permitiu ir diluindo tais predefinições que, atendendo ao facto de que em Inglaterra sempre existiram excelentes orquestras e que a Alemanha sempre formou solistas de topo, afinal são generalizações mais do que questionáveis. No presente, a quase totalidade de universidades e academias de música europeias tem tanto ofertas de formação solística, como de orquestral, a par ou por separado. Ao mesmo tempo, e em defesa de possíveis depreciações sobre quem "apenas" consegue chegar a músico de orquestra, é imperativo ter em mente que, hoje em dia, é impossível ganhar um concurso de admissão para uma orquestra boa ou muito boa sem que se seja um bom ou muito bom "solista", para além de ser inumerável a quantidade de músicos de orquestra que fazem carreiras paralelas como solistas de grande qualidade e sucesso.

Um dos mais famosos e prestigiados e, aliás, um dos casos mais interessantes que conheço, é certamente Emmanuel Pahud. «Nunca tive o sonho específico de me tornar solista, de ser membro da Filarmónica de Berlim ou de ter um contrato com uma discográfica», afirma o flautista franco-suíço, que encara a sua carreira como «um desenvolvimento constante» do qual faz parte como um «pesquisador» que «descobre coisas novas todos os dias». Uma das suas principais fontes de descoberta é precisamente a orquestra, onde aprende muito «com maestros, solistas convidados ou com os próprios colegas». Destaca também o seu fascínio pela «componente social» e pela «interação geracional» do ambiente orquestral, características das quais certamente sentiu falta quando decidiu deixar a Filarmónica de Berlim, em 2000, embarcando plenamente na carreira de solista e assumindo a classe de flauta do Conservatório de Música de Genebra, a sua cidade natal. Quando lhe pergunto sobre as razões, tanto da saída da orquestra como do seu regresso em 2002, nomeadamente tendo em conta que, de uma forma ou de outra, já era considerado um dos melhores flautistas do planeta, Emmanuel confessa-me que ambas decisões foram tomadas apenas por «motivos pessoais e familiares» e que em nenhum momento preteriu uma coisa ou outra. Decidiu-se por ambas.

Visto que os dois perfis parecem não estar assim tão distantes um do outro como por vezes se supõe, vale a pena mencionar e evidenciar aquele que talvez seja o elo de ligação mais forte entre ambos e, aliás, uma grande paixão, tanto minha como do próprio Emmanuel: a música de câmara. Hoje em dia, felizmente, é improvável encontrar um grande solista

que não "dialogue" com o pianista ou com a orquestra e o maestro que o acompanham, em detrimento da tradição mais do que ultrapassada do supersolista em piloto automático e o "resto" que o segue cegamente. Do mesmo modo e apesar das devidas hierarquias, o que uma orquestra e um maestro modernos procuram em cada interpretação é precisamente um som comum e uma harmonia expressiva. Não será então uma orquestra, acima de tudo, um grupo extenso de música de câmara? Se não é, devia ser. E para contrariar quem gosta de catalogar e diferenciar com base em supostos perfis e vocações, como se estes fossem incompatíveis ou contraditórios, Emmanuel Pahud sublinha que a sua Filarmónica de Berlim é e sempre foi, historicamente, «uma reunião de solistas que partilham a mesma paixão, o mesmo interesse e o mesmo desejo de finalmente soar bem em conjunto». Bingo, e funciona mesmo!